



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**GUSTAVO BARROSO: O INTRÉPIDO BRASILEIRO ANTI-SEMITA.
AS LEITURAS DESTE ANTI-SEMITISMO “RACIAL”**

Cícero João da costa Filho*

1. GUSTAVO BARROSO E O BRASIL DA ÉPOCA

O pensamento de Gustavo Barroso reflete as tensões do “antigo” Brasil de economia agroexportadora, com práticas bastante conhecidas que caracterizaram o liberalismo conservador do Império brasileiro, e a chegada de um Brasil em vias de consolidação sob o ponto de vista urbano-industrial aspirado pelas “novas” classes médias, estratos composto por profissionais liberais, interessados nas atividades comerciais, massas trabalhadoras conscientes que reivindicavam um modelo de sistema político socialista, ou até mesmo comunista, etc. Dessa ampla conjuntura de estratos sociais agora desprendidas de um estado sob domínio das oligarquias, surgiria dentre várias vertentes ideológicas, a defesa por um estado forte, esteado pelo corporativismo, onde a existência maior de Deus, Pátria e Família. Dessa ideologia política é que veremos surgir importantes como Gustavo Barroso, Plínio Salgado, Miguel Reale, etc.

A obra de Barroso reflete toda essa conjuntura social e política que se arrastava há algum tempo. Se o escritor cearense em boa parte de sua obra não escondeu sua hostilidade aos judeus, cabe investigar qual o motivo desta postura em relação ao povo

* Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. Mestre e doutor pela Universidade de São Paulo. E-mail de contato: cicerojoaofilho@gmail.com

de Israel. Aqui reside o cerne de nossa comunicação: a aversão de Gustavo Barroso como um escritor anti-semita passava pelo viés racial? De outro modo, como ser anti-semita sem hostilizar a “raça” judia no plano biológico? Quais os elementos constituintes dessa hostilidade? Até que ponto o fato de Barroso ter sido, ao lado de Plínio Salgado, líder do Integralismo no Brasil, não provoca uma leitura apressada do escritor cearense como um anti-semita, pois sabemos que foi no seio do integralismo que o anti-semitismo se disseminou? Houve, por parte de Barroso, uma instrumentalização da ideologia anti-semita, tomada de empréstimo do Nazismo e do Fascismo europeu, uma vez que o escritor apenas copiou em suas obras, de cunho anti-semita, idéias de autores racistas, conforme algum de seus intérpretes?

2. INTÉRPRETES DO ANTI-SEMITISMO BARROSIANO

Tratar da questão racial em Gustavo Barroso exige indispensavelmente averiguar seu caráter anti-semita, o que nos remete para a análise da historiografia integralista, buscando as influências do Nazismo e o Fascismo, no que pese às especificidades no movimento brasileiro. Esta historiografia tem início com o trabalho de tese de Hégio Trindade. Ainda que a postura de Barroso - ponto em comum segundo seus avaliadores -, difere da posição moderada de Plínio Salgado e Reale, seja radical, adepto de um anti-semitismo de “corte moderno”, este caráter é indiscutível. Uma questão é inquestionável: Barroso encabeça de maneira veemente a idéia de conspiração, havia um plano preconcebido pelos judeus de dominação mundial!

Uns intérpretes de Barroso acham que seu anti-semitismo não possui ligação racial, é moral, deve-se, portanto, ao “espírito” judeu, idéia muitas vezes colocada pelo escritor cearense em alguns de seus textos, responsável pelos males mundiais; outros pensam que o chefe dos *camisas verdes* combatia a raça judia assumindo uma posição extremamente racista. Por último, há aqueles que vêem um projeto de eliminação dos judeus. Nessa perspectiva, de maneira sutil, o integralista cearense era adepto do darwinismo social e comungava do ideário eugênico, na construção de seus argumentos de construção de Brasil. Nossa preocupação é justamente esta: qual a natureza do anti-semitismo de Barroso? Como a hostilidade ao povo de Israel é configurada em sua obra?

Apesar da existência de uma historiografia nova sobre o tema, o viés integralista nos oferece um caminho, por incutir, e assim, amalgamar a ideologia de ver nos judeus

um “grande perigo”. O anti-semitismo do escritor cearense é mencionado por todos aqueles que lhe voltam o olhar, o que sinaliza a necessidade de pesquisas sobre aspectos singulares deste anti-semitismo, somadas a práticas do militante integralista que se aproximavam de práticas nazistas, uma vez que o autor nunca escondeu sua simpatia pela política do III Reich. Teses, dissertações, artigos são resultados de trabalhos que investem na figura do chefe integralista procurando saber sua contribuição e posição ideológica para o novo Brasil, mas o cerne da questão para aqueles que se preocupam com a vasta obra do tradutor dos *Protocolos dos Sábios de Sião*, em 1937, é se existe ou não argumentos racistas. Assim, torna-se relevante, no campo atual da historiografia, a busca e a análise do ponto de vista do escritor, com foco na seleção e análise em suas obras anti-semitas.

O caráter anti-semita do autor se acentua ainda mais em função da turbulência política vivida pelo Brasil, influenciada pelas tensões européias, decorrentes do primeiro conflito mundial. O cenário de totalitarismo europeu frente ao “vazio” político brasileiro, não havia uma classe detentora de um projeto político para a construção do Brasil, suscitou diferentes colocações sobre Barroso, onde veremos que estas tensões influenciam fortemente sua obra.

Sem dúvida o ponto alto da obra de Barroso é o anti-semitismo, presente até mesmo em seus trabalhos de memória¹. Somente adentrando aspectos do escritor e político que encontraremos o problema racial, pois como já mencionamos, foi no bojo do integralismo que particularidades do anti-semitismo se disseminaram. O fato de ter sido Barroso o segundo nome do Integralismo, tendo este movimento características do nazismo e fascismo, embora com especificidades próprias a cada país², contribuiu para a idéia de um Gustavo Barroso racista? A disputa política entre Barroso e Plínio Salgado pela chefia do movimento contribuiu ainda mais para a construção de um Gustavo Barroso anti-semita “racista”? O discurso integralista não exacerbou mais ainda a visão anti-semita de Barroso, em contraposição a autores “moderados” como Plínio Salgado e Reale, uma vez que, sabiam estes que jamais seria capaz por em prática um amplo projeto político, no que tange à divergência de seus componentes.

¹ Veja o caso de “O Judeu Maltês”. BARROSO, Gustavo. Liceu do Ceará. In: Memórias de Gustavo Barroso. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará, 1989. p.178

² BERTONHA, Fábio João. Fascismo, nazismo, integralismo. São Paulo: Ática, 2001.

Boa parte da historiografia não dissocia o pensamento do líder dos camisas verdes com sua produção anti-semita, dada a conjuntura autoritária em que nasceu sua obra. Com o trabalho inaugural de Tucci Carneiro, a historiografia sobre o tema identifica Barroso como um escritor de elevado grau anti-semita mascarado por um discurso completamente nacional. Em um momento de exacerbado nacionalismo, decorrente do medo comunista e do choque de vários estratos sociais, Carneiro explica o racismo de Barroso como de toda uma elite diplomática (Elite Rio Branco), partindo de pontos indispensáveis, como a não assimilação, quistos raciais, judeu como elemento que obstava a construção da nação brasileira, etc. Se não havia a presença das velhas teorias científicas advogando a hierarquia racial, presenciou-se o medo dos “indesejáveis”, toda uma política de “controle social” de corpos sadios promotores do engrandecimento da nação, para a formação da identidade brasileira. Se toda a obra de Barroso não se volta contra os judeus, o que o relegou ao esquecimento, frente uma obra complexa e de vários matizes, é incontestável a influência do anti-semitismo em sua obra.

Uma corrente historiográfica sobre a gênese anti-semita de Gustavo Barroso é representada por Tucci Carneiro que aproxima Barroso do Nazismo. Reconhece a autora que o anti-semitismo do integralista não passava pelo viés racial, incidia sobre o judeu conspirador, símbolo do mal. Conforme a autora é indiscutível o anti-semitismo de Barroso, somente possível devido a inúmeras práticas de hostilidade por parte do estado brasileiro. Carneiro foi quem primeiro analisou este anti-semitismo, designado por Maio de “corte moderno”, embora analise ligeiramente o anti-semitismo tradicional de conversão dos cristãos novos na Bahia, tema central de Nowinsky.

Analisando circulares secretas no Itamaraty e no Ministério das Relações Exteriores, acessíveis somente em 1995, a autora vê uma política restritiva de imigração dos judeus, tangidos pelo Nazismo que buscavam abrigo no Brasil, mesmo que estes possuíssem uma visão negativa do país.³

A intolerância contra os judeus esteve presente nos setores oficiais do estado brasileiro, por meio de uma ampla política de restrição migratória, envolvendo diplomatas brasileiros no exterior, caso singular, o de Oswaldo Aranha. Carneiro reconhece em Barroso um anti-semita de “corte moderno”, mas próximo ao Nazismo do que

³ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945). 3º Ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. Da autora. Rompendo o silêncio: a historiografia sobre o anti-semitismo no Brasil. Cadernos de História, Belo Horizonte, v.13, n.18, 1º sem, 2012.

simpatizante a um anti-semitismo de traço clássico, de ligação cristã. Para sustentar sua tese acerca de Barroso, Carneiro aponta escritores racistas que influenciaram o escritor cearense como Bertrand, Léon Bloy, Edouard Drumont, Bernard Lazare e Leon de Poncis.

Barroso defende a assimilação dos judeus na cultura brasileira, sabendo do “perigo” que o povo de Israel traria para o país, eis o sentido de tanto ataque concebendo o judeu como micróbio, bactéria, o que destrói, e que por isso, deve ser imediatamente combatido. Todos os males brasileiros são atribuídos a essa gente. O autor de *História Secreta* está sempre pensando em um complô, em uma conspiração, motivando sua hostilidade aos judeus e a organizações ligadas a estes como a maçonaria, que abrigava mercenários e suas crenças, como a cabala que, desde a Idade Média, atraiu judeus, e suas vertentes ideológicas. Isso criou tese de que o bolchevismo russo só acobertava o interesse mercantil e o comunismo era senão uma forma de esconder a ganância do povo judeu.

Questão antiga que faz reportar aos tempos bíblicos, no século XIX vimos resplandecer na Europa ocidental no momento dos fortes nacionalismos⁴, sobretudo na Prússia de Guilherme II, o problema do anti-semitismo. Mas é no entre guerras que as elites defendem um discurso acabado sobre o judaísmo, exemplificado no caso Dreyfus e no surgimento dos *Protocolos dos Sábios de Sião*, documento forjado pela política czarista, e traduzido no Brasil por Barroso, em 1936.

A aversão aos judeus é a porta de entrada para a análise “racial” de Barroso com relação ao povo de Israel. Os intérpretes de Barroso analisam seus estudos atinando para sua ligação ao integralismo, em decorrência do momento totalitário vivido na Europa que, no Brasil, somava-se à busca pela identidade nacional, o que acirra ainda mais esta visão do escritor, em contraposição às posturas moderadas de Plínio Salgado e Miguel Reale, figuras que em tese não hostilizavam o judeu, ao menos quando seus textos são analisados. Tais líderes, em contraposição a Barroso, foram integralistas “moderados”, embora adeptos de um estado autoritário, que acreditavam na assimilação da cultura judaica na formação da identidade brasileira.

Diante dessas primeiras análises alguns problemas: os argumentos de Barroso eram racistas ou não, o autor foi contraditório, sabia da inviabilidade de práticas que ele

⁴ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. HOBBSBAMW, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz & terra, 1990.

mesmo sustentava, e até que ponto, seu discurso anti-semita não foi “acionado” para rivalizar com Salgado, sendo mera estratégia discursiva. De outro modo: a questão racial tomada do nazismo foi mero instrumento para Barroso superar politicamente Plínio Salgado, principal nome da AIB. De uma maneira ou de outra o problema persiste e é ele que nos interessa.

Anita Nowinsky prova que o anti-semitismo racial data desde o século XVI. Aborda a autora a situação dos cristão-novos, mostrando restrições de mobilidade social a estes, o “anti-semitismo moderno”, o de ligação racial e não religiosa, tendo existido para os novos cristãos um “Código sobre Pureza da Raça”⁵.

Nesta linha, lembremos o estudo de Carlos Nóbrega de Jesus que defende o posicionamento radical de Barroso, em contraposição as posições de Plínio Salgado e Miguel Reale. De outro modo, não apenas Barroso aderiu ao anti-semitismo, como os demais líderes do integralismo, a diferença era que o líder cearense defendia abertamente seu anti-semitismo, ao passo que Salgado e Reale diluíram a hostilidade ao judeu ora combatendo o comunismo ora o capitalismo deste.

Discussões políticas acerca de pontos essenciais do Integralismo, no que pese as divergências teóricas não escondiam o anti-semitismo de Barroso, de Plínio e de Reale⁶. Para Nóbrega, “da mesma forma que Barroso, o chefe do Sigma e Miguel Reale encobriram seu anti-semitismo na suposta luta contra o domínio do capitalismo estrangeiro, em nome da defesa da nacionalidade”.⁷ Ainda com Nóbrega, o judeu na visão de Barroso era simbólico, espalhando seu ódio às ideologias a ele associadas (Iluminismo, Comunismo, Capitalismo, Protestantismo).

Outros intérpretes de Barroso separam o anti-semitismo de Barroso da perversão racial. Antônio Rago é referência nesta discussão. Para o autor, a posição de Barroso não tinha ligação racial, estava ligada a aspectos morais, uma vez que o judeu é retratado como eterno conspirador, sempre açambarcador, que punha em cheque a formação da cultura brasileira. O anti-semitismo de Barroso não era sintoma do Nazismo alemão, pois

⁵ Sobre o antissemitismo tradicional consultar autores como GRINBERG e GORESTEIN.

⁶ Para esta importante discussão ver CHIAVENATO, J.J. O inimigo eleito: os judeus, poder e anti-semitismo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

⁷ JESUS, Carlos Nóbrega de. O anticomunismo de Gustavo Barroso como instrumento para um discurso intolerante. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011. p.1. Do autor. Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória: revisão editora e as estratégias da intolerância, 1987-2003. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

o escritor não defendia o confinamento dos judeus em guetos, seu plano seria mais amplo e profundo: começaria por meio de uma revolução espiritual, conforme pregava o Manifesto Integralista. As crenças católicas de Barroso, seu caráter forte e o apego às tradições justificariam assim seu anti-semitismo.

Hélgio Trindade, em sua tese *Integralismo (o fascismo brasileiro na década de 30)*, introduz a análise sobre as possíveis relações entre Fascismo e Nazismo na elaboração do discurso da AIB. O trabalho inédito de Trindade é esclarecedor acerca da relação do Fascismo com o Movimento do Sigma, espalhado pelo Brasil, apoiado por setores como os militares e a classe média, com a participação da Igreja, mas não adentra a questão específica do anti-semitismo de Barroso. Em sua tese, Trindade perscruta a instrumentalização do Fascismo presente na AIB e a preocupação central do autor é a influência dos movimentos autoritários citados no discurso do integralismo brasileiro. Enfrentando um estado forte e corporativo até que ponto o anti-semitismo não foi utilizado por Barroso como arma política para chegar à direção da AIB? Uma vez no poder, agiria o integralista conforme seus escritos?

Trindade identifica o anti-semitismo de Barroso como radical, presente no discurso da AIB e, supostamente, “menor” em Plínio Salgado e Reale, embora conclua que a questão anti-semita fora secundária ao movimento, uma vez que no Brasil não existiu conflitos étnicos e a cultura judia manteve sua identidade, como nos lembra Cytrynowicz. Conforme Trindade “Gustavo Barroso é praticamente o único teórico de uma corrente anti-semita radical, ao passo que os outros doutrinadores, sem contestar aspectos nocivos da ação judaica, especialmente ao nível das finanças internacionais, parecem mais reticentes em aceitar a tese de que se pode reduzir o conjunto dos adversários do movimento ao judaísmo”⁸.

Chasin inaugura uma nova visão sobre o Integralismo no Brasil, explora a separação entre Nazismo e Fascismo com o Sigma. Para além das simpatias de Barroso com as ideologias do nazifascismo e da historiografia integralista que aborda o pensamento dos intelectuais da época como reflexo dos movimentos autoritários europeus, é mais importante analisar a situação brasileira, de tradição rural, formada por um Capitalismo mais que tardio. Dessa forma, o autor inicia seu estudo analisando

⁸ TRINDADE, Hélgio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. 2.ª Ed. São Paulo: Difel, 1979. pp. 252-253.

ontologicamente o Integralismo, chamando atenção para as condições históricas do país e mostrando os rumos que o Fascismo e o Nazismo europeus tomaram no Brasil. O autor quer captar toda a objetividade histórica e, partindo de conceitos seguros e de uma metodologia própria à especificidade histórica da época, combate a visão determinista de Marilena Chauí que explica o surgimento do Integralismo partindo de uma ótica de classes.

Chasin faz uma leitura residual almejando não deixar nada de fora, afim de descortinar a fragilidade do discurso integralista. O autor chega à conclusão da utopia romântica tributária de uma visão liberal que encarava a situação brasileira análoga a realidade dos países de origem dos regimes totalitários. Trata-se de uma análise profunda, conforme Antônio Candido, que sofre de certa prolixidade, tributária que é de “imprecisões luckasianas”, herdadas por sua vez da leitura de Marx. Para Antônio Candido, a maior contribuição do autor foi transformar o que era “fato” em “problema”. Chasin mostra como o Integralismo não é o Fascismo à brasileira. Para além do mimetismo de idéias, da visão de alguns estudiosos que vêem o integralismo como reação ao Liberalismo em um Brasil que vivenciou a formação de um Capitalismo tardio, a visão de Plínio Salgado estava ligada à terra, consequência da dependência econômica do país, da situação de um país explorado, ao passo que o anti-semitismo de Barroso era fruto de seu nacionalismo, que via o judeu como explorador.

Nessa perspectiva, as obras anti-semitas de Barroso, publicadas entre 1933 a 1938, como nos lembra José Chasin, integram um anticapitalismo romântico e cristão, razão da aversão do escritor cearense para com os judeus, ou seja, sua posição é uma reação anticapitalista, romântica e de natureza cristã. Daí o pensamento barrosiano inserir-se “na mesma identidade do nacionalismo defensivo nascido nos contornos da “Via Colonial” de objetivação capitalista”⁹. O anti-semitismo de Barroso justifica-se por conta da idéia da conspiração, tendo Israel um plano arquitetado de dominação mundial, presente nos *Protocolos dos Sábios de Sião*.

Consoante a leitura de Chasin, o anti-semitismo de Barroso, relevando sua simpatia ao Nazismo, mas com traços específicos a cada colônia, não possui ligação com traços biológicos, uma vez que o autor de *O Consulado da China* deixava claro o motivo

⁹ RAGO FILHO, Antônio. J. Chasin: a crítica ontológica do anticapitalismo romântico típico da “Via Colonial” – os integralismos. Verinotio, revista on-line, n.º 9, Ano V, NOV. 2008. p.211

de sua ojeriza ao judeu: “ninguém combate o judeu porque ele seja de raça semita, nem porque siga a religião de Moisés. Mas sim porque ele age politicamente dentro das nações, no sentido de um plano preconcebido e levado por diante através dos séculos”¹⁰. E mais: “religião e raça nada tem a ver, propriamente, com o antijudaísmo”¹¹.

Zilda Gricoli¹² não vê uma política oficial anti-semita por parte do estado brasileiro, idéia corroborada por Marcos Chor e Cytrynowicz. Tais autores reconhecem o anti-semitismo de Barroso, a existência de um estado com práticas de hostilidade aos judeus, a simpatia de Vargas ao Nazismo e ao Fascismo, mas combatem a “supervalorização” anti-semita presente no Estado brasileiro, conforme estudo de Carneiro. Este é o cerne da discordância entre boa parte de trabalhos que investigam o anti-semitismo de Barroso. Carneiro pontua e chama atenção inúmeras vezes para a política de restrição imigratória direcionada aos judeus pelo estado brasileiro (as circulares secretas elaboradas pelos diplomatas brasileiros nas embaixadas do exterior), demonstrando assim a existência de uma política legal anti-semita por parte de um Estado intolerante, “além de atribuir papel central ao anti-semitismo no contexto da ditadura Vargas, a historiadora eleva o Estado Novo à condição de comitê executivo anti-judaico”¹³.

Estes trabalhos reconhecem o anti-semitismo do estado brasileiro, mostrando a simpatia de Vargas aos regimes totalitários, mas combatem o grau de extrema valorização de intolerância atribuída por Carneiro ao Estado brasileiro. Seja por meio do viés de políticas imigratórias, que centram no Estado o principal elemento de análise, tornando o judeu um agente passivo (um dos argumentos de Cytrynowicz), o que só reforça a imagem de um estado favorável a práticas anti-semitas, seja em função da cristalização de um estado autoritário, seja em função de um imaginário de violência gerido por práticas intolerantes e já consolidado, após o Estado Novo. Desse modo, vários são os estudos que divergem do de Carneiro.

¹⁰ Ibidem. p. 214

¹¹ Ibidem. p. 214

¹² IOKOY, Zilda Márcia Gricoli. *Intolerância e resistência: a saga dos judeus comunistas entre a Polônia, a Palestina e o Brasil (1939-1975)*. São Paulo: Humanitas, 2004.

¹³ MAIO, Marcos Chor; CALAÇA, Carlos Eduardo. “Um balanço da bibliografia sobre o anti-semitismo no Brasil”. *BIB*, Rio de Janeiro, n.º49, 1.º Semestre de 2000, p. 23.

Nesse sentido, em 1992, aparece a contribuição de Cytrynowicz e Marcos Chor, relativizando o anti-semitismo oficial do Estado brasileiro, não deixando de reconhecer algumas práticas anti-semitas, “uma vez que o preconceito presente em esferas do governo, do Itamaraty, do corpo diplomático, da ação da polícia política, no Integralismo e em círculos intelectuais não se transformou em ações concretas dentro do Brasil ou em violência aberta”.¹⁴ Estes estudos relativizam o anti-semitismo do estado brasileiro, sugerindo até que ponto fora mais discurso do que propriamente um projeto político, acionado para dá sentido ao movimento de massa, hipótese de Trindade.

Estes dois pesquisadores, ao analisarem as obras anti-semitas de Barroso à luz ora do totalitarismo europeu, ora do forte nacionalismo em que vivia o país, não pensam que a ação do Estado brasileiro explique por si só a situação da cultura judaica, ou seja: o anti-semitismo sofreu flexibilidade sendo indispensável estudarmos suas particularidades, uma vez que a identidade judaica foi preservada, um número maior de imigrantes adentrou o país durante a restrição da política imigratória e a relação do estado brasileiro oscilou conforme determinados grupos judaicos.

Roney Cytrynowicz¹⁵ embora reconheça o anti-semitismo nas esferas do poder, inclusive com a proibição do *íidiche* nas escolas de São Paulo, pensa que este não fora capaz de impedir manifestações culturais judaicas presentes em entidades religiosas, filantrópicas, assim como em escolas e até mesmo em programas de rádio. Conforme Cytrynowicz, “o anti-semitismo era um ponto do ideário do movimento, mas não foi acionado localmente e não resultou em ações concretas”¹⁶, com exceção de Barroso. Ainda segundo o autor, “o anti-semitismo, com exceção de Barroso, mantinha o preconceito com um ponto secundário e genérico”,¹⁷ corroborando o ponto de vista de Trindade.

¹⁴ CYTRYNOWICZ, Roney. Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial. Revista Brasileira de História, vol. 22, nº 44, p.396.

¹⁵ “Não há dúvida de que a política do governo brasileiro foi conivente com o anti-semitismo na Europa. Embora o Estado Novo tivesse núcleos ideológicos afinados com regimes de extrema direita, como os de Portugal e Polônia, com o fascismo italiano e mesmo com o nazismo alemão, não se pode no entanto defini-lo com um regime fascista ou nazista, historiograficamente falando”. Mesmo com a política de combate a imigração de “indesejáveis” na prática esta política jamais impediu a entrada de judeus no Brasil. Ibidem. p.396.

¹⁶ Ibidem. p. 396

¹⁷ Ibidem. p. 396

A idéia central é que “o preconceito presente em esferas do governo, do Itamaraty, do corpo diplomático, da ação da polícia política, no Integralismo e em outros círculos intelectuais não se transformou em ações concretas dentro do Brasil”¹⁸, argumento bem conhecido de Robert Levine¹⁹. As circulares secretas tão bem analisadas por Carneiro foram passíveis de fraudes e manipulação, frente uma política imigratória “flexível”, com uma hostilidade que recaía sobre o judeu em potencial e não aos que residiam no Brasil. A questão racial tornava-se ainda mais problemática em um país que teoricamente não enfrentava nenhum ódio de raças e com resquícios da idéia do branqueamento, nublando o que de real acontecia com relação a possíveis choques entre judeus e a população brasileira.

Não há dúvida alguma sobre o autoritarismo do Estado brasileiro à época, mas não basta tal constatação na avaliação da questão anti-semita de Gustavo Barroso: existiu um processo dialético na construção deste Estado, onde o judeu e a sociedade foram parte desse todo. A tese de Carneiro, ainda que se trate de um estudo importante, não dá conta do anti-semitismo do escritor cearense.

A hostilidade de Barroso ao judeu, embora o autor muitas vezes argumentou não nutrir nenhum ódio racial aos semitas, pode ser resultado de um escritor que acreditava no branqueamento, o que suscita uma visão extremamente racista. O escritor alegava a impossibilidade de o judeu se “misturar”, formando quistos raciais, dificultando a construção da identidade brasileira, o que comprova uma visão autoritária e eurocêntrica, uma vez que cada cultura possui suas especificidades.

Outros estudos que relativizam o totalitarismo anti-semita do estado brasileiro são os de Avraham Milgram e Lesser, que esmiuçam as políticas migratórias²⁰ existentes no momento. Lesser vê ambiguidades na política imigratória do governo Vargas, o que contra-argumenta a idéia central de Carneiro. De maneira estratégica, vendo brechas nas

¹⁸ Ibidem. pp. 396-397

¹⁹ LEVINE, Robert. O regime Vargas: anos críticos (1934-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

²⁰ Milgram analisa a política imigratória no momento de expansão nazista, todas as tentativas de imigração coletivas foram frustradas, ao passo que as individuais obtiveram êxito. Pressões internacionais, ao contrário do que apontam alguns estudos diminuíram a perversidade dos dispositivos contra a imigração. Neste estudo o autor aborda a relação do governo de Vargas com o Vaticano onde milhares de não católicos não arianos chegaram ao Brasil. O autor coloca em questão teses que generalizam a política anti-semita do estado brasileiro. Sobre o tema, consultar: MILGRAM, Avraham. Os judeus do vaticano: a tentativa de salvação de católicos não arianos da Alemanha ao Brasil através do Vaticano (1939-1942). Rio de Janeiro: Imago, 1994; LESSER, Jeffrey. O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

políticas imigratórias, pressionado por alguns países e por uma perspectiva modernizante, Barroso adotou uma política ambígua e o Estado tratou de maneira diferente determinados grupos judeus, valorizando a capacidade intelectual e a habilidade mercantil, diante de um Estado que buscava se modernizar. Dessa forma, judeus com tais características foram bem vindos.

Marcos Chor²¹ tipifica o anti-semitismo de Barroso de “corte moderno”, seguindo a visão de Hannah Arendt, que em seu clássico *Origens do Totalitarismo* dedica parte deste estudo na análise do longo processo histórico em torno do anti-semitismo. Da hostilidade nas mais variadas frentes ao judeu, a autora investiga a manipulação do racismo contra o judeu por parte de uma ideologia ultra nacional em um momento de formação dos estados nacionais, no século XVIII. Identificando uma tipologia anti-semita (histórico, sociológico, político, ideológico), podemos considerar Barroso um adepto do anti-semitismo moderno, que ojerizava o judeu não motivado por critérios raciais, mas sim morais, daí ser o judeu o eterno conspirador, ganancioso, usurpador, segundo o escritor cearense.

Embora não exista uma historiografia madura sobre a questão racial em Gustavo Barroso, e isso se deve aos vários olhares com relação ao militante integralista, esta vem em uma crescente. Buscamos, assim, estudos que investigam o anti-semitismo no Brasil, ressaltando a figura do escritor cearense, pois seu nome está intrinsecamente ligado a esta temática que, nos anos trinta, ganhou mais expressão.

Natália dos Reis assume posição radical no que tange ao anti-semitismo de Barroso: trata-se de um escritor racista, que defendia a eliminação dos judeus. Possuidor de uma “Teoria das raças” e de uma “Teoria da História”, embora ora negasse o racismo, ora afirmasse, num movimento dúbio, contrário a outros escritores integralistas, Barroso acreditava no branqueamento da população brasileira. Adepto do poligenismo, mesmo sendo um escritor cristão, convicto da existência de várias raças, para a autora:

“afirmar que a proposta barrosiana não tinha conteúdo racial, mas apenas ideológico e político seria negar tudo o que o próprio Gustavo Barroso afirmou nas linhas de sua obra *O Quarto Império*, que foi inclusive, extensamente analisado por Maio, em seu trabalho. Nela estão presentes as linhas mestras de uma teoria das raças, de uma visão da História como determinada pelas características raciais dos arianos e dos semitas, consubstanciada na idéia de luta entre essas duas raças e

²¹ MAIO, Marcos Shor. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

seus valores. Ocorre que Barroso utiliza um arsenal moralista e religioso para ocultar a sua proposta de branqueamento e predomínio da raça branca, tanto em termos culturais como raciais”.²²

Chama atenção a visão radical da autora, o que nos faz adentrar ainda mais a questão anti-semita. Para a autora, o anti-semitismo presente na AIB assumia um conteúdo nazista: as alas, tanto as de Barroso quanto as de Plínio Salgado e Reale, não apresentavam tons diferentes de anti-semitismo: baseavam-se na eliminação da raça judia. Se Salgado e Reale não assumiram claramente um racismo, não era por serem teóricos menos racistas, mas por saberem do esfacelamento do movimento integralista em uma cultura de caráter católico. Preocupados com a formação da identidade nacional, em tempos de construção desta identidade, o argumento de assimilação e de cordialidade entre as raças mascarou um projeto extremamente racista.

Gilberto Vasconcelos²³ em sua tese pouco esclarece a questão anti-semita inculcada na AIB e seu trabalho vem mostrar como o Integralismo sofreu forte influência de algumas correntes levadas a cabo pelo modernismo paulista, mas nem por isto, seu trabalho pode deixar de ser lido.

O escritor integralista Sergio Vasconcelos²⁴ é contundente quando afirma que Gustavo Barroso nunca foi racista, mostrando trechos de algumas obras do escritor cearense, em que sua ojeriza aos judeus não possuía fundamentação racista. Para Vasconcelos, o anti-semitismo de Barroso nada mais era do que um “anti-racismo”, ou seja: sabendo da dificuldade de o judeu se misturar na cultura brasileira, Barroso combatia o racismo do judeu, no que originava um “anti-racismo”. Conforme o escritor integralista, a idéia de vê em Barroso um escritor racista é coisa de “ilibados pesquisadores fingidos de marxistas que simplificam o pensamento do escritor cearense”.

Fábio Bertonha²⁵, ao realizar um balanço bibliográfico acerca do anti-semitismo na AIB, chama a atenção para temas imprescindíveis para nosso problema, como: a

²² CRUZ, N.R. O integralismo e a questão racial. A intolerância como conflito. 281 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004. pp.219-220

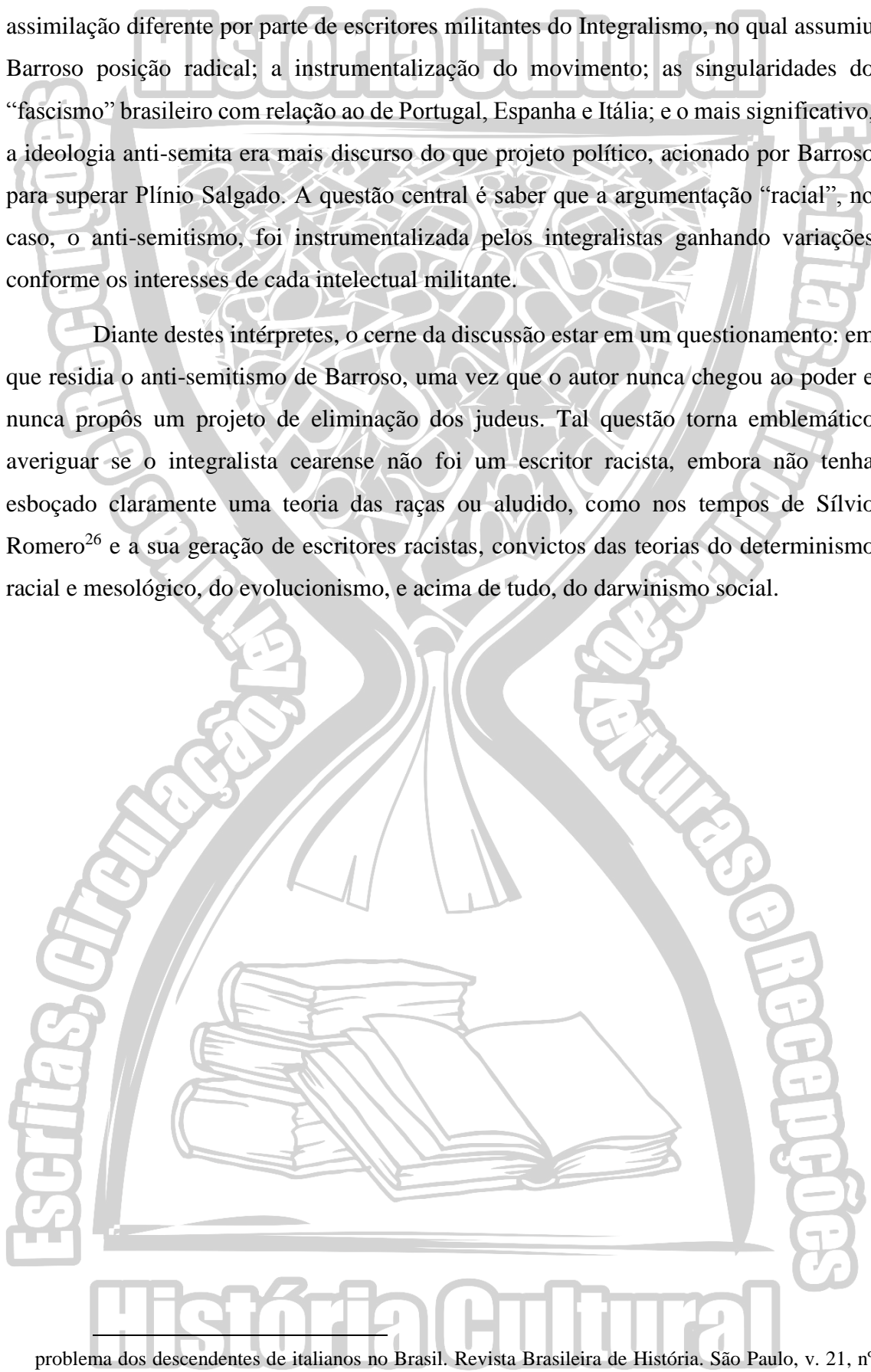
²³ VASCONCELLOS, Gilberto. A ideologia curupira: a análise do discurso integralista. São Paulo: Brasiliense, 1979.

²⁴ VASCONCELOS, Sérgio. Gustavo Barroso, racista? <http://www.integralismo.org.br/?cont=781&ox=30>

²⁵ BERTONHA, João Fábio. Plínio Salgado, o integralismo brasileiro e as suas relações com Portugal (1932-1975). Ainda do autor. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o

assimilação diferente por parte de escritores militantes do Integralismo, no qual assumiu Barroso posição radical; a instrumentalização do movimento; as singularidades do “fascismo” brasileiro com relação ao de Portugal, Espanha e Itália; e o mais significativo, a ideologia anti-semita era mais discurso do que projeto político, acionado por Barroso para superar Plínio Salgado. A questão central é saber que a argumentação “racial”, no caso, o anti-semitismo, foi instrumentalizada pelos integralistas ganhando variações conforme os interesses de cada intelectual militante.

Diante destes intérpretes, o cerne da discussão está em um questionamento: em que residia o anti-semitismo de Barroso, uma vez que o autor nunca chegou ao poder e nunca propôs um projeto de eliminação dos judeus. Tal questão torna emblemático averiguar se o integralista cearense não foi um escritor racista, embora não tenha esboçado claramente uma teoria das raças ou aludido, como nos tempos de Sílvio Romero²⁶ e a sua geração de escritores racistas, convictos das teorias do determinismo racial e mesológico, do evolucionismo, e acima de tudo, do darwinismo social.



problema dos descendentes de italianos no Brasil. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 21, nº 40, p. 85-105 2001

²⁶ COSTA FILHO, Cícero João da. No limiar das raças: Sílvio Romero (1870-1914). São Paulo, 2013.